



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
CURSO LICENCIATURA EM GEOGRAFIA  
CAMPUS I CAMPINA GRANDE - PB**

**TATIANA OLIVEIRA RAMOS**

**ARTESANATO COM ALGODÃO COLORIDO – BRS NA VILA DO ARTESÃO  
EM CAMPINA GRANDE – PB: um diagnóstico das relações comerciais**

**CAMPINA GRANDE – PB  
2018**

**TATIANA OLIVEIRA RAMOS**

**ARTESANATO COM ALGODÃO COLORIDO – BRS NA VILA DO ARTESÃO  
EM CAMPINA GRANDE – PB: um diagnóstico das relações comerciais**

Trabalho de conclusão de Curso em forma de Monografia apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB, como requisito à obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Ms. Maria das Graças Ouriques Ramos.

**CAMPINA GRANDE – PB  
2018**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

R175a Ramos, Tatiana Oliveira.  
Artesanato com Algodão Colorido - BRS na Vila do Artesão em Campina Grande - PB: Um diagnóstico das relações comerciais [manuscrito] : / Tatiana Oliveira Ramos. - 2018.  
45 p. : il. colorido.

Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.  
"Orientação : Profa. Ma. Maria Das Graças Ouriques Ramos, Coordenação do Curso de Geografia - CÉDUC."

1. Algodão Colorido. 2. Artesãos. 3. Cultura. 4. Comércio.  
21. ed. CDD 338.7

TATIANA OLIVEIRA RAMOS

ARTESANATO COM ALGODÃO COLORIDO – BRS NA VILA DO ARTESÃO  
EM CAMPINA GRANDE – PB: UM DIAGNÓSTICO DAS RELAÇÕES  
COMERCIAIS

Trabalho de conclusão de Curso em forma  
de Monografia apresentado ao Curso de  
Licenciatura Plena em Geografia pela  
Universidade Estadual da Paraíba – UEPB,  
como requisito à obtenção do título de  
Licenciada em Geografia.  
Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Maria das Graças  
Ouriques Ramos.

Aprovado em: 17/04/18

BANCA EXAMINADORA

Maria das Graças Ouriques Ramos.

Prof.<sup>a</sup> Ms. Maria das Graças Ouriques Ramos  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)  
ORIENTADORA

Aretuza Candeia de Melo

Prof.<sup>o</sup> Dr. Aretuza Candeia de Melo  
UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA (UEPB)  
EXAMINADOR (A)

Rodolfo Ramos Castelo Branco

Prof.<sup>o</sup> Ms. Rodolfo Ramos Castelo Branco  
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE (UFCG)  
EXAMINADOR EXTERNO

Dedico este trabalho, primeiramente, a DEUS, pela Sua misericórdia e amor pela humanidade. Aos meus pais, Flávia Sueli Oliveira Ramos e Teofano Dias Ramos Filho, que sempre estiveram ao meu lado na minha formação escolar e acadêmica.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, que sempre esteve ao meu lado guiando meus pensamentos e fez com que escolhesse um Curso que me trouxe muitos ensinamentos que quero por toda vida.

Aos meus familiares que contribuíram para a minha formação.

A minha orientadora, Maria das Graças Ouriques Ramos, por ter contribuído na minha pesquisa, e também no decorrer do Curso que sempre esteve disponível para me orientar nas dúvidas e nas aulas, é uma professora muito especial, que quero ter como amiga sempre, um exemplo de profissional e pessoa.

Ao Departamento e Coordenação do Curso de Licenciatura Plena em Geografia.

Aos Artesãos entrevistados na Vila do Artesão, que cooperaram para a realização da pesquisa.

Aos professores da Banca Examinadora, Dr<sup>a</sup> Aretuza Candeia de Melo e o Prof. Ms. Rodolfo Ramos Castelo Branco, que contribuíram para a concretização deste trabalho.

Aos professores do Curso de Geografia, em especial: Dr<sup>a</sup> Aretuza Candeia de Melo, Dr<sup>a</sup>. Josandra Araújo Barreto de Melo, Ms. Juliana Nóbrega de Almeida, Dr<sup>a</sup> Lédiam Rodrigues Lopes Ramos Reinaldo, Ms. Marília Maria Quirino Ramos e Dr<sup>a</sup> Maria Jackeline Feitosa Carvalho, os quais contribuíram para minha formação acadêmica e ensinamentos que serão levados para minha vida.

Aos meus colegas de Curso, em especial: Michelle Araújo Silva, Dineria Talvania de Oliveira, Sílvia Martins e Rita de Cássia, que juntas participamos dos momentos bons e difíceis, são pessoas amigas que quero tê-las para sempre. O meu MUITO OBRIGADA!!

## RESUMO

A transformação de Campina Grande através do comércio do Algodão branco (*Gossypium hirsutum*, L.), teve início quando homens montados em cima de muares, chamados de tropeiros, traziam, principalmente, do Sertão do Estado da Paraíba, vários fardos de algodão, para serem comercializado na cidade e isso impulsionou a sua modernização e mais tarde, pela chegada do Trem. Durante vários anos essa cidade foi uma das mais importantes exportadora de algodão no mundo, representando muito para sua história. Atualmente, surgiu um novo mercado de algodão, com várias tonalidades, o Algodão colorido – BRS, que não é vendido em fardos, a exemplo de cem anos atrás, mas como artigos que são confeccionados através de mãos artesanais, a maioria desses produtos são encontrados num espaço próprio, a Vila do Artesão, um ambiente que reúne outros tipos de artes, além de artesanatos com algodão. Diante do exposto, a presente pesquisa objetivou analisar os benefícios do trabalho dos Artesões com o Algodão colorido – BRS, na Vila do Artesão, em Campina Grande - PB e sua representação no mercado. Para a realização desse estudo aplicou-se os métodos exploratório, descritivo, quantitativo e qualitativo. A pesquisa mostrou que o Algodão colorido – BRS, já trouxe outra visão a cidade no século XXI, a de sustentabilidade, valorização do artesanato, cultura local e importância econômica. As Artesãs afirmaram que o movimento das pessoas da cidade ao local de venda é pequena durante o ano, a visitação é mais frequente no mês de Junho, quando ocorre a realização dos festejos juninos, pois os turistas são quem mais visitam a Vila do Artesão, quando a divulgação é mais frequente. Mesmo com muitas dificuldades, todas as entrevistadas relataram que fazem um bom lucro durante todo o ano. Em todas as etapas realizadas do trabalho, observou-se o espaço que o Algodão colorido – BRS, vem conquistando nas áreas de pesquisa e economia, o que traz benefícios à população campinense, eleva o nome de Campina Grande em rede nacional e com isso atrai novos possíveis investimentos de empresas com foco no produto e na arte.

**Palavras chave:** Algodão colorido; Comércio; Artesãos; Cultura.

## ABSTRACT

The city of Campina Grande was transformed by the commerce of white cotton (*Gossypium hirsutum*, L.), it started when muleteers used to bring several bales of cotton from the outback of the Province of Paraíba, in order to be sold in the city of Campina Grande. This boosted its modernization, and sometime later, bringing railway station to the city. During many years Campina Grande was one of the biggest cotton exporting cities of the world, this fact is very significant to its history. Nowadays a new type of cotton marked appeared, with several color tones – the colored cotton (BRS), which is not traded in bales, as it used to be a hundred years ago, it is sold as products that are manufactured by the craftsmen, most part of this products are sold in one place, in the local craft fair, locally known as “*Vila do Artesão*”, where works of art and craft products made with cotton are sold. Therefore, this research aims to analyze the benefits of the work done by the craftsmen with colored cotton (BRS), at the public craft fair “*Vila do Artesão*” located in the city of Campina Grande - PB, and its representation in the market. Concerning this research, it was applied exploratory, descriptive, quantitative and qualitative methods. The paper revealed that the colored cotton (BRS), brought a better perspective to the city in the 21<sup>st</sup> century, such as sustainability, enhancement of craftsmanship, and its relevance to local economy and culture. The craftswoman craftswomen reported that the during the whole year some people go the craft fair “*Vila do Artesão*” and buy their products, on the other hand, on the local annual festival in honor of Saint John, held in the month of June, many tourists and some residents go there, because it is widely published in the media, increasing significantly their sales. Even facing many difficulties the craftswoman interviewed said they have good profits during the whole year. In every stage of this paper, it has been observed that the colored cotton (BRS) is increasing its importance in the field of economy, bringing benefits to the population of Campina Grande, raising the name of Campina Grande to the whole country and finally attracting new possible investments from companies focused on products and art.

**Keywords:** Colored Cotton, Commerce, Craftsmen, Culture.



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>Figura 1:</b> Localização da Mesorregião do Sertão e Microrregião do Seridó Ocidental Paraibano .....	19
<b>Figura 2:</b> O Algodão branco ( <i>Gossypium hirsutum</i> L.).....	21
<b>Figura 3:</b> Antiga estação ferroviária de Campina Grande, na chegada do Trem a cidade em 1907 .....	23
<b>Figura 4:</b> Réplica do fardo de 100 kg do algodão .....	25
<b>Figura 5:</b> Atual Museu do Algodão na Estação Velha.....	26
<b>Figura 6:</b> Plantio de Algodão colorido - BRS .....	28
<b>Figura 7:</b> Algodão colorido - BRS .....	30
<b>Figura 8:</b> Produtos confeccionados a partir do Algodão Colorido - BRS.....	31
<b>Figura 9:</b> Localização de Campina Grande no Estado da Paraíba .....	33
<b>Figura 10:</b> Localização da Vila do Artesão na cidade de Campina Grande ....	34
<b>Figura 11:</b> Imagem parcial da Vila do Artesão: entrada .....	35
<b>Figura 12 e 13:</b> Espaço interno da Vila do Artesão destacando as lojas "chalés" .....	36

<b>Figura 14:</b> Artigos produzidos pelos Artesãos a partir do Algodão Colorido - BRS .....	43
--	----

### **LISTA DE GRÁFICOS**

<b>Gráfico 1:</b> Idade das Artesãs pesquisadas .....	41
---	----

<b>Gráfico 2:</b> Tempo de profissão no artesanato .....	41
--	----

<b>Gráfico 3:</b> Tipos de produtos confeccionados com o Algodão Colorido - BRS	42
---	----

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
<b>2 OBJETIVOS</b> .....	14
2.1 Objetivo Geral .....	14
2.2 Objetivos Específicos .....	14
<b>3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	15
3.1 Breve Histórico do Algodão .....	15
3.1.1 Características Físicas e Biológicas do Algodão Branco ( <i>Gossypium hirsutum</i> L.) e Colorido - BRS .....	17
3.2 A História do Algodão no Estado da Paraíba .....	20
3.3 A Importância do Algodão Branco ( <i>Gossypium hirsutum</i> L.) para Campina Grande: a memória do “ouro branco” .....	24
3.4 Os Reflexos do Algodão Colorido - BRS sobre Campina Grande .....	27
<b>4 MATERIAIS E MÉTODOS</b> .....	33
4.1 Característica Geográfica do Município de Campina Grande .....	33
4.1.1 Localização da área de estudo: a Vila do Artesão .....	34
4.1.2 Aspectos físicos da Vila do Artesão .....	34
4.2 Procedimentos Metodológicos .....	36
<b>5 RESULTADOS E DISCUSSÕES</b> .....	39
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	45
<b>7 REFERÊNCIAS</b> .....	46
<b>APÊNDICE</b> .....	49

## 1 INTRODUÇÃO

Campina Grande é a segunda cidade mais importante do Estado da Paraíba e continua com seu comércio de algodão através dos tecidos nas indústrias têxteis, com desenvolvimento de alta tecnologia. Além de confecções com Algodão branco (*Gossypium hirsutum*, L.) a cidade também possui mercado do Algodão colorido - BRS<sup>1</sup>, na qual tem várias tonalidades, diferente do que foi desenvolvido através de pesquisas da Embrapa Algodão para melhorar sua genética e tornar a fibra forte. Essa planta se desenvolveu muito bem na Paraíba, plantada através da agricultura familiar, é matéria prima verde com selo de qualidade, 100 % orgânica. É vendido através de produtos feitos pelos artesãos locais, como roupas, bolsas, bonecos, acessórios e outras variedades de produtos.

Com o crescimento do mercado do Algodão colorido – BRS, surgiu na cidade Cooperativas a exemplo da COOPNATURAL, que organiza o credenciamento dos agricultores espalhados pelo Estado e os artesãos que trabalham com essa cultura. Devido à grande demanda desses profissionais, a Prefeitura Municipal de Campina Grande, construiu um espaço para comercializar os produtos fabricados pelos mesmos, a Vila do Artesão, um local único, que juntou a variedade do artesanato, para que a cultura campinense se torne mais visível além de um ponto comercial e visitação turística.

O artesanato que é uma atividade destinada a elaboração de determinados produtos realizados com técnicas tradicionais, um ramo da arte, embora esteja normalmente associado a procedimentos e materiais simples que fazem parte de uma tradição cultural ancestral.

É um trabalho feito manualmente e atrai muitos admiradores, faz parte da cultura nordestina, as peças produzidas com o Algodão colorido – BRS, se tornou mérito do artesanato local, a qualidade dos produtos confeccionados pelos artesãos está elevando o nome de Campina Grande em rede nacional, trazendo benefícios para este lugar.

---

<sup>1</sup> Brasil sementes - Embrapa

A opção por esse tema se deve a importância que o algodão teve num passado recente para este lugar e que nos dias atuais a influência do Algodão colorido – BRS, abre as portas de um novo mercado. A necessidade de estudá-lo dentro da Ciência Geográfica, acreditando que o mesmo desempenha um papel fundamental na cultura e para o povo campinense.

A referida pesquisa foi a forma encontrada de mostrar e informar a sociedade acadêmica e campinense o quanto o Algodão colorido – BRS, a plantação dessa cultura e a atividade dos Artesãos são importantes para a história cultural e econômica de Campina Grande e as regiões onde a planta é cultivada.

## 2 OBJETIVOS

### 2.1 Objetivo Geral

Analisar os benefícios do trabalho dos Artesões com o Algodão colorido – BRS, na Vila do Artesão, na cidade de Campina Grande-PB e sua representação no mercado.

### 2.2 Objetivos Específicos

- Investigar as dificuldades enfrentadas pelos Artesãos;
- Destacar a importância do Algodão colorido – BRS, para o trabalho desses Artesãos;
- Apontar o valor do artesanato para a economia de Campina Grande;
- Mostrar se os lucros desses profissionais tem relevância com a venda dos produtos confeccionados a partir do Algodão colorido - BRS.

### 3 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

#### 3.1 Breve Histórico do Algodão

O Algodão surgiu no século VII a. C, segundo as referências históricas, e é considerado a legislação mais antiga da Índia, a domesticação do algodoeiro ocorreu há mais de 4 mil anos no sul da Arábia.

O nome algodão deriva da palavra árabe, al – gu – tum, porque foram eles que desenvolveram o mercado de algodão na Europa, na qual só ficou conhecida no segundo século da era Cristã. Os árabes eram os fabricantes de tecidos e papeis com a fibra, com o surgimento das máquinas de fiação no século XVIII, a tecelagem ganhou o mercado de tecidos e fios, (AMAPA-MA.COM, 2017).

No Brasil, os índios já conheciam o algodão e dominavam seu plantio, desde antes do descobrimento do país, sendo capazes de colher, fiar, tecer e tingir tecidos. Eles convertiam o algodão em redes e cobertores além de aproveitar a planta na alimentação e usavam a folha na cura de feridas, (AMAPA-MA.COM, 2017).

A produção comercial do algodão começou nos estados da região Nordeste e o primeiro grande produtor foi o Estado do Maranhão que, em 1760 exportou para Europa as primeiras sacas de algodão. Nos anos de 1800 as plantações de algodão eram concentradas na região Nordeste e Sudeste. Em 1860, o Brasil se tornou um dos maiores comerciantes desse produto, exportando para a Europa, conforme afirma, Costa (2004),

“[...] Em decorrência da Guerra Civil Americana (1861-65). Os números são eloquentes. Em 1861, a Inglaterra importou dos Estados Unidos 714.440 fardos de algodão e, do Brasil, 66.223 fardos; em 1862, os números foram, respectivamente, 40.417 e 118.765. Durante algum tempo, o Brasil ainda se aproveitaria da queda da produção americana” (COSTA; BUENO. P 19, 2004).

E os números só cresciam com o passar dos anos, segundo o autor supra citado “estima-se, durante a guerra civil o Brasil exportou 800 milhões de quilos de plumas para diversos países da Europa”. No início do século XX o

Brasil continuou a crescer com o comércio de algodão, a cidade de Campina Grande no Estado da Paraíba, era um dos maiores comerciantes do país, que durou até 1930. Foi então que, a partir daí, o Estado de São Paulo com a crise do café passou a investir na plantação e comercialização de algodão:

“No início da década de 1920, a Inglaterra queria fomentar a produção de algodão brasileiro de boa qualidade. Assim, livrar-se-ia dos fornecedores americanos, cujos preços eram bem maiores que os dos exportadores brasileiros. A partir da década de 1930, registrou-se uma queda brutal das exportações e do preço do café, em consequência da crise econômica de 1929. Havia estímulo para plantar algodão. São Paulo, então maior produtor de cana-de-açúcar, assumiu a liderança também no algodão” (COSTA; BUENO. P 20, 2004).

São Paulo, acabou assumindo a liderança nas vendas de algodão, no qual o avanço tecnológico das máquinas fizeram com que muitas empresas estrangeiras se instalassem na capital paulistana:

“Em 1958, a produção brasileira de algodão alcançou 1.143.320 toneladas, das quais quase 576 mil toneladas foram colhidas em São Paulo. Em 1970, as estatísticas indicavam produção de 531 mil toneladas de São Paulo, 521 mil toneladas do Paraná e 33 mil toneladas do Ceará. O total nacional somou 2,110 milhões de toneladas. Em 1968, os principais países produtores, pela ordem, eram: Estados Unidos, União Soviética, República Popular da China, Índia e Brasil” (COSTA; BUENO. P 20, 2004).

Em 1980, a praga do bicudo que já tinha alastrado as plantações da região Nordeste do Brasil, invadiu os algodoeiros no Sudeste e a produção começou a cair, o bicudo (*Anthonomus grandis*) é um besourinho que veio do maior rival do Brasil em produção de algodão, os Estados Unidos, portanto ai começava a crise da cotonicultura.

Na década de 1990, com a redução das alíquotas de importações promovidas pelo então Presidente Fernando Collor de Mello, gerou impasses na produção e comércio do algodão, isso fez com que o eixo de produção do Sudeste mudasse para a região Centro Oeste, nos Estados de Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, na qual a Embrapa com o grupo Itamaraty desenvolveram sementes adaptadas as áreas do Cerrado com alta produtividade e qualidade de fibra. A produção, posteriormente, se espalhou por toda essa região e o Brasil voltou a ter bons números de exportação (COSTA; BUENO, 2004).



No final do século XX e início do século XXI, o Brasil continuava a crescer novamente com o comércio de algodão. Na safra de 1998 a exportação foi cerca de 3,1 mil toneladas, já em 2004, os números subiram para 440 mil toneladas, assim chegava ao fim da crise da cotonicultura, e o país voltou a ter tranquilidade com o comércio algodoeiro.

### 3.1.1 Características Físicas e Biológicas do Algodão Branco (*Gossypium hirsutum* L.) e Colorido - BRS

O Algodão branco (*Gossypium hirsutum* L.), é uma planta exigente quanto à sua plantação, é necessário que os fatores físicos e biológicos estejam favoráveis, além do manejo agricultável ser adequado para se ter uma boa produção. Sua plantação começa no período de início das chuvas com a colheita na estiagem, ou seja, cerca de 160 dias para o cultivo. Exige uma área com temperaturas médias de 25° C e solo fértil, na colheita o algodão chega a dar um rendimento de 1.800 kg a mais de 2.400 kg por hectares (FUZATTO, 2017).

Na Paraíba, o algodoeiro seja do tipo branco ou colorido é plantado, principalmente, na mesorregião do Sertão, pelo sub tipo climático favorável as plantações, quente e úmido com chuvas de verão e outono que ocorrem nos meses de Novembro a Março, as precipitações nesse período chegam a 800 mm, com temperaturas entre de 25°C e 30°C. Com variados tipos de solos: luvisolos, vertissolos, neossolos flúvicos e lítolicos, que são geralmente argilosos e pedregosos, mas que tem propriedades químicas e mineralógicas boas, de modo geral são solos que tem bom aproveitamento hidroagrícola, ou seja, com um bom manejo agricultável, o algodoeiro se desenvolve muito bem nessas áreas na qual as colheitas são bem aproveitadas (DIÁRIO DO SERTÃO, 2017).

No caso do Algodão colorido – BRS, este é um produto que conquistou um novo espaço na agricultura paraibana e no comércio campinense, é considerado como inovação no mercado e faz parte do conceito agroecológico, é 100% sustentável com selo de qualidade de acordo com a Embrapa. Stephen R. Gliessman, afirma “o enfoque agroecológico corresponde a aplicação de conceitos e princípios da ecologia no manejo e desenho de

agroecossistemas sustentáveis”. Para Ageitec – Agência Embrapa de Informações Tecnológicas, a agroecologia traz a expectativa de uma forma de agricultura capaz de propiciar a criação de alimentos, fibras e de preservação ambiental. Com bases científicas para apoiar o processo de transição para uma agricultura sustentável nas diversas manifestações e ou denominações.

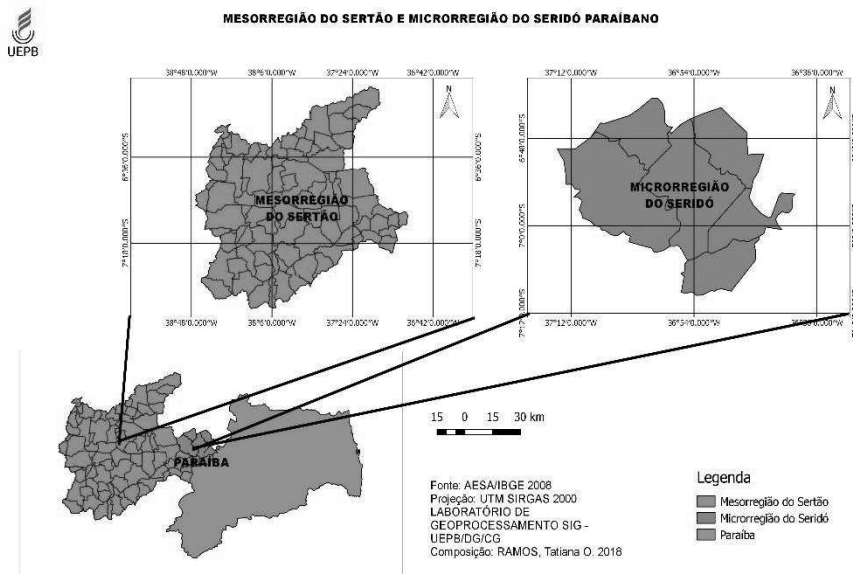
De acordo com a Embrapa, o algodão com a fibra colorida foi desenvolvido através de coletas de plantas de algodoeiros asselvajados, nas tonalidades creme e marrom, em mistura com o Algodão branco das espécies (*G. barbadense L.*) e (*G. hirsutum L.*); raça marie galante hutch, conhecidos como algodão arbóreos que foram preservados no banco do germoplasma do campo experimental de Patos na Paraíba. A partir daí o uso da biotecnologia de transferências de genes foi importante para o fortalecimento da fibra e na criação das diferentes tonalidades do algodão.

Nas plantações do Algodão colorido – BRS, não vai tipo algum de agrotóxico, corantes ou adubos artificiais, o que o torna um produto 100% orgânico. Para se ter o certificado de produção é necessário seguir um conjunto de normas, isso torna-se uma vantagem para o mercado consumidor, por ser produto hipoalérgico e não causar danos à saúde do usuário ou ao meio ambiente.

O Algodão colorido – BRS, é cultivado nas áreas semiáridas do Nordeste brasileiro, principalmente, na mesorregião do Sertão e microrregião do Seridó da Paraíba (Figura 1) e ainda, áreas do Seridó do Estado vizinho do Rio Grande do Norte, na sua plantação é necessário que o solo seja preparado antes de qualquer colheita, além de boas condições climáticas, segundo Queiroga,

“A topografia do solo pode variar desde plana a ondulada, contanto que na plana não haja problema de encharcamento e na ondulada ou acidentada, práticas de conservação sejam observadas e seguidas para evitar erosão. Os solos recém-desbravados são ricos em matéria orgânica e com alto teor de nitrogênio, podendo ocasionar o desenvolvimento vegetativo do algodoeiro em prejuízo à produção” (QUEIROGA, 1983 - 2008).

**Figura 1:** Localização da Mesorregião do Sertão e Microrregião do Seridó Ocidental Paraibano



**Fonte:** AESA/IBGE, adaptado por RAMOS, T. O. (2017)

Para se ter uma boa produção de algodão, os solos têm que está bem estruturados, com um pH entre 5,5 e 6,5 e que não seja sujeitos a encharcamentos ou erosão. O algodoeiro herbáceo vegeta bem em solos de baixada e aluvião, já o arbóreo se adapta em solos de tabuleiros, principalmente, nos meses de inverno/verão, Julho a Dezembro, pela baixa umidade do ar e elevada temperatura, na qual se torna responsável pela mortalidade natural de qualquer espécies de larvas (QUEIROGA, 2008).

Cada cor do Algodão colorido – BRS, tem suas características para se ter uma boa plantação, são elas:

BRS 200 MARROM, de coloração creme ao marrom escuro, descendente do algodão arbóreo, resistente a seca, é plantado nas mesorregiões do Sertão e Borborema - especificamente, nas microrregiões de Patos e Seridó, Estado da Paraíba, tem um rendimento de até 3.000 kg do produto por hectare (QUEIROGA, apud, EMBRAPA ALGODÃO, 2007).

BRS VERDE, na cor esverdeada, proveniente da espécie herbáceo, com altura de 130 cm em média, um ciclo de colheita que vai de 120 a 140 dias, quando as precipitações são bem distribuídas durante o ano pode chegar a 3.000 kg de algodão por hectare segundo (QUEIROGA, apud, EMBRAPA ALGODÃO, 2002).

BRS RUBI, cores marrom escuro a avermelhado, derivado do algodão herbáceo, mede 110 cm, com um ciclo de colheita de aproximadamente 120 a 140 dias, rendimento de 1.894 kg, pode chegar a 3.500 kg do produto por hectare dependendo das condições físicas e biológicas da área de plantação (QUEIROGA, apud, EMBRAPA ALGODÃO, 2007).

BRS TOPAZIO, marrom claro, originário do herbáceo, altura média de 116 cm, em cultivo irrigado seu rendimento pode ser de até 2.825 kg por hectare.

BRS SAFIRA, marrom escura a marrom avermelhado, mais claro que a espécie rubi, oriundo do algodão herbáceo, chega a uma altura de 130 cm, ciclo de colheita que varia entre 120 a 140 dias, com um rendimento de 1.283 kg do produto no sequeiro, nas precipitações bem distribuídas anualmente, pode chegar a 3.000 kg por hectare (QUEIROGA, apud, EMBRAPA ALGODÃO, 2007).

A plantação do Algodão colorido – BRS, é realizada através da agricultura familiar na Paraíba, na qual vem trazendo benefícios socioeconômicos a essas famílias, além de ser manuseados por Artesãos, transformando - os em artigos únicos e diferenciados, no qual os tornam parte da cultura nordestina.

### 3.2 A História do Algodão no Estado da Paraíba

O Algodão branco (*Gossypium hirsutum* L), (Figura 2) teve grande relevância na agricultura paraibana, por ser uma das principais culturas cultivadas no Estado, que começou no final do Século XVIII. A vantagem do algodão é que podia ser plantado junto a outras culturas, diferente, por exemplo da cana de açúcar, que é uma monocultura. Os agricultores plantavam o algodão junto ao milho, feijão e fava, isso fazia com que as pragas mantivessem à distância, pois essas plantações juntas eram autoimunes e

quando cultivadas, o que sobrava virava ração de gado e próprio adubo para uma nova plantação,

“[...] O algodão que aos poucos foi ganhando espaços entre as plantações de cana das usinas, nas baixas do Paraíba e Mamanguape, expandiu-se neste período por terras secas e pedregosas. A possibilidade de consorciar com as culturas de subsistência como o feijão, milho e a fava, fizeram do sertanejo pequeno, um grande proprietário, um plantador de algodão. Assim, a Paraíba assumiu nos anos vinte deste século a condição de principal produtor nacional”, (ARAÚJO, apud COSTA, 2006, p.29).

No início, o cultivo do algodão na Paraíba se deu nas regiões do Sertão e Agreste, onde começou a plantação dessa cultura. Porém, obteve fama e comércio em Campina Grande no Agreste, por possuir um posicionamento geográfico estratégico dentro do Estado, ligando as regiões do Litoral ao Sertão. Assim, o comércio tinha grande movimentação, o produto era transportado pelos tropeiros - homens que andavam montados nos burros - traziam grande quantidade de algodão dos campos para a cidade. Com a chegada da linha férrea, o produto passou a ser exportado e este lugar a ter um grande desenvolvimento econômico e, portanto, obteve uma visão muito forte dentro do país (ARAÚJO, 2006).

**Figura 2:** O Algodão branco (*Gossypium hirsutum* L.)



**Fonte:** Embrapa Algodão (2003)

A cultura do algodão se expandiu na Paraíba, principalmente, antes da Primeira Revolução Industrial no Século XVIII e no tempo da Guerra da Sucessão nos Estados Unidos da América que ocorreu entre 1861 e 1865, e tinha como motivo de conflito as grandes diferenças socioeconômicas entre a região Norte e Sul. Essa guerra interna fez com que muitos campos e fábricas fossem destruídos, impedindo então a exportação de qualquer produto daquele país. Isso foi uma vantagem para o Estado da Paraíba, a cultura algodoeira se tornou nesta época uma das principais plantações cultivadas no solo paraibano competindo diretamente com a cana de açúcar.

Andrade (2011) afirma, “por isso, podemos dizer que desde 1750 a 1940 o algodão foi um dos principais produtos nordestinos e o único que enfrentou a cana de açúcar com algum êxito, na disputa às terras e aos braços”. Esses dois tipos de cultivo foi quem trouxe grande desenvolvimento econômico e também acumulação de riquezas, no entanto, foi a partir daí que muitas empresas estrangeiras começaram a se instalar na Paraíba.

Para Farias (2014), Campina Grande resplendeu o ciclo do algodão ainda quando era chamada Vila Nova da Rainha, mas, foi a partir do século XX, quando passou a comercializar o Algodão branco (*Gossypium hirsutum L.*), que começou a ser visível dentro do Estado. Os tropeiros paravam nesta cidade para descansar de suas longas viagens pelas estradas de terra que duravam dias, ao observarem que muitos forasteiros também paravam ali para repouso, viram a oportunidade de vender seus produtos nas praças e nas ruas, onde os fardos de algodão passou a tomar todo o espaço, foi assim, que o comércio local começou a crescer e enriquecer este lugar.

Antes da chegada do trem, os tropeiros levavam o algodão para a cidade de Itabaiana, seguiam para a Capital João Pessoa ou para o Recife/PE, de onde era exportado. Quando este meio de transporte chega a Campina Grande (Figura 3), o mesmo trouxe desenvolvimento e esta cidade, que se tornou pequena para a grande quantidade do referido produto, os empresários locais vendiam os fardos do algodão, principalmente, para os Estados Unidos da América e Europa – a Inglaterra.

**Figura 3:** Antiga estação ferroviária de Campina Grande, na chegada do Trem a cidade em 1907



**Fonte:** Ramos, T. O (2017). Fotografia retirada do Museu do Algodão

Entre as décadas de 30 e 40 do Século XX, teve início a construção de estradas asfaltadas, cortando todo o estado paraibano, a plantação do algodão era, principalmente, cultivado nas regiões do Cariri e Sertão. Por causa dessas estradas, muitas empresas se deslocaram para os municípios próximos as plantações, os caminhões circulavam pelo Estado e escoavam a produção com mais rapidez, que antes era realizado pelo transporte ferroviário,

“[...] Nesse período, Campina Grande começa a perder sua função de cidade organizadora de espaço estadual, João Pessoa cresce, assumindo a função de integração de economia do Estado ao espaço nacional. Para esta situação, contribui a construção da BR – 230 que, ligando diretamente o Sertão ao Litoral, vai permitir o escoamento de toda a produção de polos como Recife e João Pessoa” (ARAÚJO, apud SILVA, 2006, P. 49).

O que acarretou o fim da plantação nas terras agrícolas no Estado da Paraíba, além de outros, a seca prolongada. Nos anos de 1950, o cultivo do

algodão foi diminuindo cada vez mais, fazendo com que os agricultores migrassem para outras culturas de subsistência.

“ Os motivos que contribuíram para a decadência do “ouro branco” na Paraíba foram, as pragas; os baixos preços do algodão paraibano em relação ao algodão paulista; a falta de incentivo ao produtor, em que os juros cobrados pelas safras eram altos, impossibilitando o plantio ao produtor; a falta de bases técnicas e o preço; a dupla tributação já que o produto era escoado por Pernambuco; a concorrência desleal das grandes indústrias de beneficiamento e exportação, frente aos pequenos produtores agrícolas assim como as pequenas indústrias, além da falta de um porto equipado que atendesse as exigências do comércio algodoeiro” (ARAÚJO, APUD SILVA, 2006, P. 35, 36).

Ainda, segundo o autor supra citado, a decadência do algodão trouxe problemas econômicos e sociais para o Estado da Paraíba, porém, o Algodão branco (*Gossypium hirsutum L.*), assim como a cana de açúcar, fizeram parte do grande desenvolvimento do Estado, pois foi a partir da importância dessas culturas que a cidade de Campina Grande se tornou um dos maiores polos industriais da Paraíba e a Capital João Pessoa, se desenvolveu economicamente.

### 3.3 A Importância do Algodão Branco (*Gossypium hirsutum L.*) para Campina Grande: a memória do “ouro branco”

Um dos fatores mais importantes na história de Campina Grande é o algodão conhecido como “ouro branco”, a partir do qual a mesma obteve grande desenvolvimento econômico e reconhecimento nacional. A cidade chegou a ser a segunda maior exportadora de algodão do mundo, com cerca de 23 milhões de quilos, comparada a cidade de Liverpool na Inglaterra (FARIAS, 2014).

Em 02 de outubro de 1907 foi inaugurada a linha férrea pelo Prefeito Cristiano Lauritzen, a partir daí aconteceu a distribuição do produto pelo país e, portanto, era exportado, esse episódio acelerou o crescimento habitacional e econômico de Campina Grande. O transporte do algodão para a cidade era feito pelos tropeiros que vinham do interior do Estado, a região do Sertão, conforme afirmado anteriormente. Com o grande valor comercial que o Algodão branco (*Gossypium hirsutum L.*) vinha tendo, as empresas internacionais



começaram a se instalar e isso fez com que cada vez mais o desenvolvimento da cidade fosse significativo.

“O que muita gente não sabe é que Campina Grande não era uma cidade produtora de algodão, ou pelo menos do tipo de fibra vendido para exportação. A riqueza que movia a economia local vinha de outras cidades da Paraíba. Mas a venda do algodão em larga escala dependia de Campina Grande, que atuava como polo de beneficiamento e distribuição. Era aqui onde a fibra bruta era prensada e preparada para seguir em direção ao mercado externo.” (FARIAS, IN ARTIGO DO JORNAL DA PARAÍBA. CAMPINA GRANDE 150 ANOS, 2014).

Farias afirma, ainda, os fardos de algodão, (Figura 4), eram transportados até Campina Grande em cima dos muares em carroças, tipo de transporte que durou até 1930, com cerca de 120 quilos do produto, no qual todos os dias circulavam cerca de dois mil tropeiros.

“Os tropeiros foram fundamentais para o ciclo do algodão até meados de 1930, quando foram gradativamente sendo substituídos pelos caminhões a partir da construção de estradas de rodagem no interior da Paraíba. O uso simultâneo de burros e caminhões perdurou até a década de 1940, quando o transporte rodoviário começou a se tornar hegemônico no tráfego de mercadorias no Brasil, competindo inclusive com o sistema ferroviário.” (FARIAS IN ARTIGO DO JORNAL DA PARAÍBA. CAMPINA GRANDE 150 ANOS, 2014).

Campina Grande se destacou comercialmente até 1940, a cidade continuou sendo uma das mais importantes exportadoras de algodão, mas a partir daí a produção começa a cair por causa de vários fatores, já citados.

**Figura 4:** Réplica do fardo de 100 kg do algodão

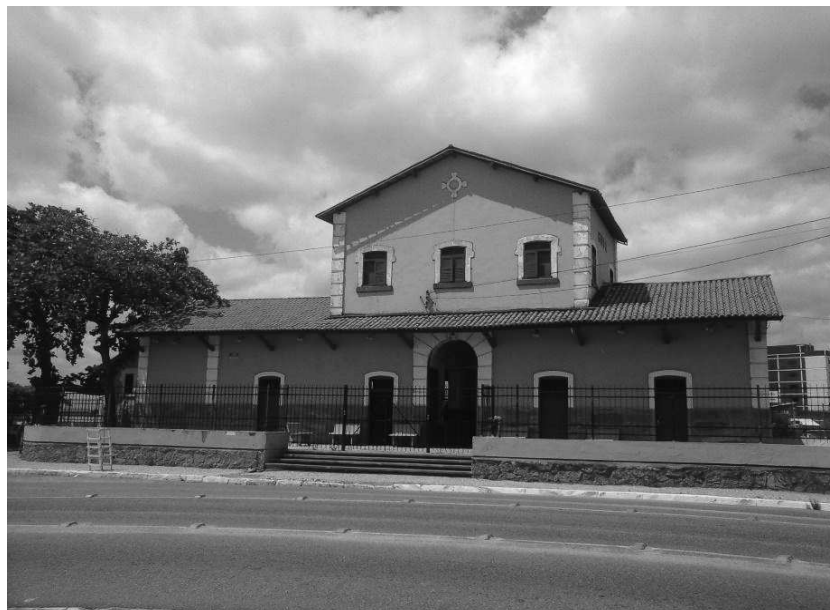


**Fonte:** Ramos, T. O (2017).

Os Estados Unidos da América, por sua vez, acaba com suas guerras internas, voltando a produzir o algodão e exportando para outros países. Com esse fato, Campina Grande estava sendo prejudicada e para que a sua economia não fosse totalmente afetada, a cidade passou a investir em outras atividades e tipos de culturas e o algodão vendido, apenas, internamente (ARAÚJO, 2006). Passando por várias transformações durante o apogeu do “ouro branco”, entre as décadas de 1960 e 1980.

Cem anos depois, a Antiga Estação Ferroviária (Figura 5) deu nome ao bairro onde a mesma está situada, atualmente, Museu do Algodão, inaugurado em 1970. Hoje, é aberto ao público local e turístico, exhibe fotografias e objetos que fizeram parte da época do “ouro branco”, fazendo com que a história da cidade jamais seja esquecida. O Trem, por sua vez, funciona apenas no mês de Junho por ocasião dos festejos juninos, é chamado de Expresso do Forró, que só ocorre por causa da festa denominada de Maior São João do Mundo, que se enquadra como a maior festa junina do país, levando cerca de oitocentos turistas dentro de sete vagões, num trajeto de duas horas entre Campina Grande e o Distrito de Galante.

**Figura 5:** Atual Museu do Algodão na Estação Velha



**Fonte:** Ramos, T. O (2017)

Com o surgimento das feiras e do comércio de lojas no centro da cidade, ampliou a educação, com duas universidades públicas, a Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) e a Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) e um Instituto Federal (IFPB). Passando por grandes transformações na malha urbana, foi a partir dessas atividades de desenvolvimento que a cidade cresceu, tornando-se a segunda mais importante do Estado. Mas, apesar desses acontecimentos foi a época do “ouro branco” e a chegada do Trem que impulsionaram a cidade industrialmente.

Com a sede das indústrias localizada em Campina Grande, é a única cidade do interior, sem ser capital, a ter uma Sede da Federação das Indústrias, a FIEP (Federação das Indústrias do Estado da Paraíba), passou a ter um olhar diferenciado por parte desta. Destacando a área tecnológica; turismo de eventos, a exemplo dos festejos juninos; ampliação do comércio local, tanto no setor varejista como atacadista, e outros (FARIAS, 2014).

### 3.4 Os Reflexos do Algodão Colorido - BRS sobre Campina Grande

O Algodão branco (*Gossypium hirsutum L.*) e o colorido – BRS, (Figura 6), são diferentes pelas cores, com mais de 30 tipos de espécies identificadas. Na Paraíba existe plantações desse tipo de algodão, na qual são trabalhadas

com cinco tonalidades diferentes da cor marrom, a planta sempre existiu, mas não confeccionava nenhum tipo de material, pesquisas revelaram que esse tipo de algodão tinha baixa resistência de fibras, mas depois de muitos estudos a Embrapa algodão de Campina Grande - PB, melhorou o material genético dessas plantas, a partir daí houve grande desenvolvimento tecnológico, para que elas se tornassem resistentes e de boa qualidade, na qual se tornaram totalmente orgânicas e que fez com que não fosse nocivo ao meio ambiente.

As variedades de algodão chegam aos artesãos, para que estes tenham algo diferente a oferecer aos consumidores, pois as indústrias têxteis já produzem inúmeros artigos com o Algodão branco (*Gossypium hirsutum L.*) e como os artesãos para obter uma renda precisa investir no diferente, eles observaram que o Algodão colorido – BRS é um material pouco usado, então resolveram apostar nesse tipo de matéria-prima (BELTRÃO; CARVALHO, 2004).

**Figura 6:** Plantio de Algodão colorido - BRS



**Fonte:** Embrapa Algodão (2003)

Segundo Santos (2015), o Algodão colorido – BRS, vem tomando o espaço do mercado da moda internacional, mas essa planta apesar de ser nativa da América Latina, Ásia e outras partes do mundo, foi no Estado da Paraíba que teve o espaço para se desenvolver, tanto nos campos junto a agricultura familiar, como no comércio e está chegando nas indústrias têxteis.

O referido produto está se tornando de alta qualidade e muito competitivo, muitos países exportam nossa cultura para serem expostas e vendidas, porque é algo novo que está com alto valor no mercado externo consumidor. O Algodão colorido – BRS, trouxe nova visão de futuro como matéria-prima verde, ou seja, ecológica. Ao longo de seu desenvolvimento dentro do Estado, houve inovações tecnológicas para que a mesma não agredisse o meio ambiente.

Para Piciotto e Shewchenko (2006), o algodão na Paraíba é um produto tratado como um grande projeto cultural e econômico, por existir muitas pesquisas de instituições renomadas para desenvolver algo diferente, e também antes de ter um produto de qualidade e chegar ao comércio, o algodão passa por várias fases, uma delas é a da produção, que vai do plantio até a comercialização, muitos agricultores e artesões vivem dessa matéria-prima. E Campina Grande por sediar esse tipo de projeto está com grandes

investimentos na área industrial e comercial, que ajuda a ter alto índice favorável e econômico para a cidade.

Nas mesmas áreas onde se plantou o Algodão branco (*Gossypium hirsutum L.*), na era do “ouro branco”, principalmente no Sertão, é plantado atualmente o Algodão colorido - BRS. Esse tipo de algodão foi desenvolvido pelos povos astecas e incas há mais de 4.500 anos, onde se adaptou bem ao clima seco e tropical do Estado da Paraíba.

Nesse Estado, é produzido além do Algodão branco (*Gossypium hirsutum L.*), cinco cores de Algodão colorido - BRS, o marrom, o verde, o rubi, o topázio e o safira (Figura 7), onde ao longo dos anos vem sendo feito experimentos com essa planta obtendo um melhoramento genético a fim de tornar o Algodão colorido – BRS, 100 % natural, ele já é orgânico o que o torna altamente sustentável por não ser utilizado nenhum tipo de tingimento o que fez reduzir o uso da água, (CAVALCANTI, 2012).

**Figura 7:** Algodão colorido - BRS

Marrom – BRS 200

Rubi – BRS

Topázio – BRS

Verde - BRS



**Fonte:** Embrapa Algodão (2003)

Estudando o Algodão colorido - BRS, percebe-se que ele tem grande importância para a agricultura, pois muitas famílias trabalham com a plantação do produto, principalmente, nas mesorregiões do Sertão e Agreste paraibano e também está bastante presente no artesanato local de Campina Grande que vem gerando inovações ao longo dos últimos dez anos. Assim, como o Algodão branco (*Gossypium hirsutum L.*), o Algodão colorido – BRS, é comercializado na cidade de uma maneira diferente da que ocorreu a cerca de 100 anos atrás.

O produto é visto através de confecções, utensílios e muitos outros artigos (Figura 8), tornando dessa forma parte da cultura local e fez com que a cidade tenha a visão de polo comercial de algodão, com a perspectiva de desenvolvimento sustentável. Para a Organização das Nações Unidas (ONU), em 1997 “o desenvolvimento sustentável é aquele que atende as necessidades do presente sem comprometer as possibilidades de as gerações futuras atenderem as suas próprias necessidade”.

**Figura 8:** Produtos confeccionados a partir do Algodão Colorido - BRS



**Fonte:** Vila do Artesão (2017)

A cidade atualmente disponibiliza vários eventos, a exemplo do Salão do Artesanato, que acontece na época das festas juninas, para que os produtos dos Artesãos de modo geral sejam expostos e conhecidos. Há muita ajuda para divulgar o trabalho do artesanato na Paraíba, como forma de disseminar a cultura local.

Hoje, o Algodão colorido – BRS, vem tomando espaço no campo e nas mãos dos Artesãos da Paraíba. Está sendo reconhecido como a nova matéria ecológica, ajudando ao meio ambiente e por ser natural pode ser usado por pessoas alérgicas. Isso fez com que muitos estilistas observassem o Algodão colorido – BRS, como uma nova invenção na moda atual e essa nova era do algodão na cidade de Campina Grande já está sendo exportada para vários

países, o que a torna bem vista dentro e fora do Brasil. Já que foi a segunda maior exportadora do Algodão branco (*Gossypium hirsutum*, L.) no Século XX e é um importante marco para a cultura local e estadual, (SANTOS, 2015).



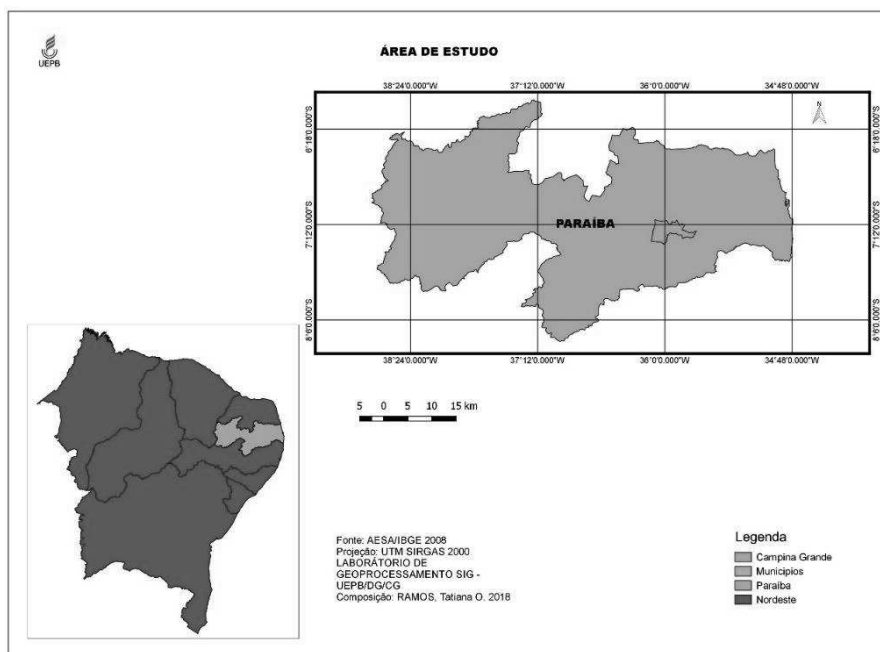
## 4 MATERIAIS E MÉTODOS

### 4.1 Característica Geográfica do Município de Campina Grande

Para o IBGE (2017), o Município de Campina Grande, localiza-se no interior do Estado da Paraíba, na Mesorregião do Agreste Paraibano, na parte Oriental do Planalto da Borborema, com altitude de 550 m acima do nível do mar, situada a 120 km da Capital João Pessoa. Limita-se ao Norte com os Municípios de Lagoa Seca, Massaranduba, Pocinhos e Puxinanã; ao Sul com Boqueirão, Caturité, Fagundes e Queimadas; a Leste com Riachão de Bacamarte e a Oeste com Boa Vista (Figura 9).

De acordo com o Google Earth, sua posição geográfica é compreendida pelo Paralelo de Latitude  $07^{\circ} 13' 50''$  S e pelo Meridiano de Longitude  $35^{\circ} 52' 52''$  W. O município tem uma população estimada em pouco mais de 400 mil habitantes, é considerada a segunda cidade mais importante da Paraíba (IBGE, 2017).

**Figura 9:** Localização de Campina Grande no Estado da Paraíba



**Fonte:** AESA/IBGE, adaptado por Ramos, T. O (2017)

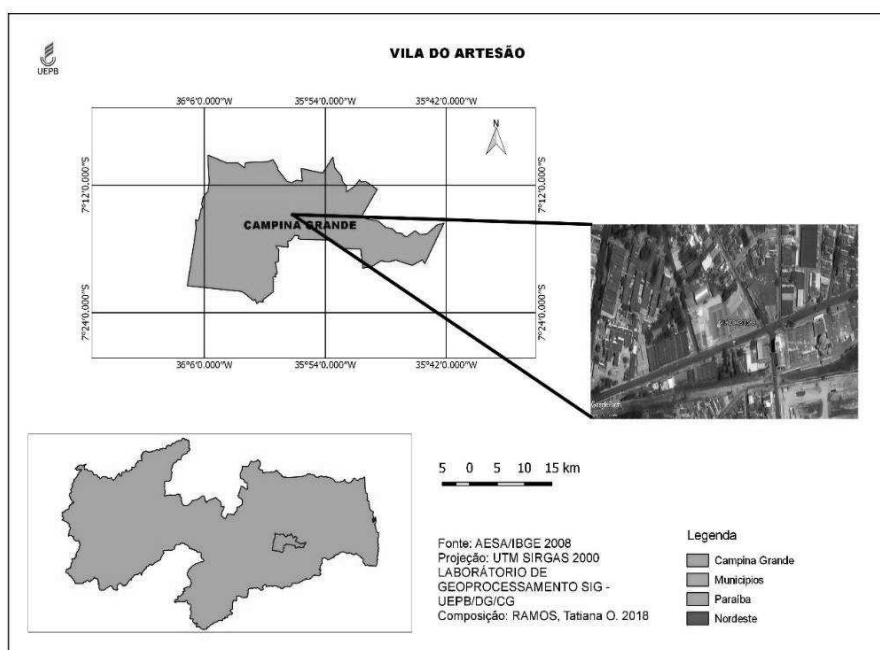
Campina Grande é a maior e mais importante cidade do interior do Norte/Nordeste do Brasil, é uma microrregião que polariza várias outras, a

exemplo das Microrregiões do Brejo Paraibano, Cariri, Curimataú e Seridó. E cidades de Estados circunvizinhos, a exemplo de Pernambuco e Rio Grande do Norte, principalmente, no setor de educação e serviços, que juntamente com a capital, João Pessoa, formam o principal polo educacional, turístico e industrial da Paraíba.

#### 4.1.1 Localização da área de estudo: a Vila do Artesão

A Vila do Artesão na cidade de Campina Grande – PB, fica na Avenida Almeida Barreto, s/n no Bairro de São José. Sua posição geográfica é compreendida pelo Paralelo de Latitude  $7^{\circ} 13'41.58''$  S, e Meridiano de Longitude  $35^{\circ} 53'26.37''$  W. Limita-se: ao Norte com o bairro da Prata; ao Sul com o bairro da Estação Velha; a Leste com o Centenário e a Oeste com o Centro da cidade, ver figura 10, (VILA DO ARTESÃO, 2017).

**Figura 10:** Localização da Vila do Artesão na cidade de Campina Grande



**Fonte:** AESA/IBGE, adaptado por Ramos, T. O (2017)

#### 4.1.2 Aspectos físicos da Vila do Artesão

A Vila do Artesão é uma área construída para que os Artesãos locais tenham onde expor e vender seus produtos. A construção do espaço foi

pensada para enfatizar a cultura local, podendo assim movimentar a economia e o turismo na cidade, principalmente, no mês de Junho, onde a cidade proporciona e festeja a tradicional festa do São João (Figura 11).

É um espaço que beneficia cerca de 250 a 300 Artesãos locais, com 77 lojas chamadas de “chalés”, que são separados de acordo com a tipologia do artesanato desenvolvido e possui: praça de alimentação, um auditório, tele centro, duas oficinas, setor de administração, banheiros e uma pequena praça.

**Figura 11:** Imagem parcial da Vila do Artesão: entrada



**Fonte:** Ramos, T. O (2017)

Cada loja é ocupada por cerca de quatro Artesãos que trabalham em conjunto, ou seja, que pode ser até com dois tipos de materiais diferentes, fazendo com que haja uma maior produção e assim gerar maior valor econômico (Figuras 12 e 13).

**Figura 12 e 13:** Espaço interno da Vila do Artesão destacando as lojas "chalés"



**Fonte:** Ramos, T. O. (2017)

**Fonte:** Ramos, T. O (2017)

#### 4.2 Procedimentos Metodológicos

A pesquisa foi realizada numa primeira fase no Museu do Algodão, no qual foi observado a história e importância que o Algodão branco (*Gossypium hirsutum L.*), trouxe para o desenvolvimento comercial da cidade de Campina Grande, por se tratar de um local que contém objetos da época em que o algodão fazia parte da comercialização e desenvolvimento da cidade. A segunda parte, na Vila do Artesão, na busca de saber sobre o trabalho que os artesãos fazem com o manejo do Algodão colorido - BRS, quais os produtos que são comercializados a partir desse manejo e se o comércio dessa cultura atualmente é importante, assim como foi o Algodão branco (*Gossypium hirsutum L.*) no século XX.

Tal proposta metodológica foi estruturada e executada visando analisar como o Algodão colorido – BRS, proporciona o trabalho e comercialização dos artesãos no local da pesquisa, a Vila do Artesão.

Quanto aos fins: a pesquisa foi exploratória, direta no campo, em que Prodanov (2013) afirma “a pesquisa se encontra na fase preliminar, tem como finalidade proporcionar mais informações sobre o assunto que vamos investigar, possibilitando sua definição e seu delineamento, isto é, facilitar a delimitação do tema da pesquisa; orientar a fixação dos objetivos e a formulação das hipóteses ou descobrir um novo tipo de enfoque para o assunto.”

Classifica-se também como descritiva, pois, “tal pesquisa observa, registra, analisa e ordena dados, sem manipulá-los, isto é, sem interferência do pesquisador. Procura descobrir a frequência com que um fato ocorre, sua natureza, suas características, causas, relações com outros fatos” conforme (PRODANOV, 2013). Busca-se conhecer as diversas situações e relações que ocorrem tanto do indivíduo tomado isoladamente, como de grupos e comunidades mais complexas (CERVO; BERVIAN, 1996).

Por buscar no local objeto de estudo, a Vila do Artesão, informações que fossem necessárias para contribuir com a pesquisa: imagens, artigos artesanais e conversas formais e informais com o público alvo, os Artesãos. Os meios justificam esta pesquisa com enfoques em revisão bibliográfica, que segundo Gerhardt apud Fonseca,

“A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta” (GERHARDT, apud FONSECA. 2009, P. 37)

Gil (1994) considera a pesquisa bibliográfica por desenvolver o estudo com base em material já elaborado, constituído, principalmente, de livros e artigos científicos. Se constitui num procedimento formal para a aquisição de conhecimento sobre a realidade (GIL, 2007). Lakatos e Marconi (2009) afirmam, “a seleção e leitura dos assuntos bibliográficos são muito importantes e que este tipo de pesquisa coloca o pesquisador em contato direto com o que foi dito e escrito sobre determinado assunto”. Para se embasar teoricamente a respeito do tema em questão, na busca de fortalecer o trabalho dando ênfase a importância que o Algodão branco (*Gossypium hirsutum L.*) teve para a história do desenvolvimento comercial de Campina Grande destacou-se autores a exemplo de: Araújo apud Costa; Andrade; Araújo apud Silva; órgãos, a exemplo da Embrapa, dentre outros autores.

Quanto a abordagem: a pesquisa pode ser considerada como quantitativa, segundo Prodanov (2013) “no desenvolvimento da pesquisa de

natureza quantitativa, devemos formular hipóteses e classificar a relação entre as variáveis para garantir a precisão dos resultados, evitando contradições no processo de análise e interpretação”.

Portanto, se obteve um levantamento de informações com a elaboração de um questionário de 11 (onze) questões fechadas (Apêndice), no qual identificou-se vários atributos a respeito do trabalho dos Artesãos com o Algodão colorido – BRS, como: comercialização, tipo de produtos, margem de lucro, público alvo, divulgação dos trabalhos e outros. Para Gil (1995) esta “é uma técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, (...).

E classifica-se, ainda, como qualitativa, que segundo Prodanov (2013) “a pesquisa tem o ambiente como fonte direta dos dados. O pesquisador mantém contato direto com o ambiente e o objeto de estudo em questão, necessitando de um trabalho mais intensivo de campo. Nesse caso, as questões são estudadas no ambiente em que elas se apresentam sem qualquer manipulação intencional do pesquisador.” Durante a pesquisa exploratória, junto a pesquisa quantitativa obteve-se conversas informais com os Artesãos que foi essencial para os resultados do estudo.

## 5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

O Algodão colorido – BRS, é utilizado através do artesanato para confeccionar produtos diferenciados que não são vendidos por grandes empresas, isso significa que o mercado, não só campinense, como em todo o Brasil abriu novos espaços para um tipo de negócio cada vez mais inovador e tecnológico, gerando assim, uma competição entre grandes e pequenas empresas. Isso fez com que o mercado pequeno fosse fortalecendo, trazendo objetivos positivos em vários aspectos, e, principalmente na economia.

A expansão de pequenos negócios no Brasil está crescendo cada vez mais e em Campina Grande não poderia ser diferente, assim como o Algodão branco (*Gossypium hirsutum L*) foi determinante para o desenvolvimento desta cidade, o Algodão colorido – BRS é importante, pois, além de trazer cultura e economia, torna a identidade do lugar única, fazendo com que o propósito que ocorreu a cerca de 100 anos atrás continue a desenvolver de maneira diferenciada, porém com a mesma importância.

O Algodão colorido - BRS, hoje, é um produto desenvolvido e exclusivo de Campina Grande, apesar de ser cultivado na mesorregião do Sertão. Os artigos que são confeccionados a partir deste, estão ultrapassando as fronteiras do país, onde leva a credibilidade e o nome dos artesãos e da cidade.

Apesar das mudanças que vem ocorrendo no mercado brasileiro, os pequenos negócios sofrem muitas dificuldades por não ter apoio público ao seu comércio. No ano de 2008, foi construído em Campina Grande um espaço para comercializar os produtos dos artesãos da cidade, a Vila do Artesão, direcionado a colocar em um só lugar várias culturas do Estado da Paraíba, onde pudesse fazer com que os turistas comprassem e levassem para sua terra um pouco da cultura nordestina e campinense.

A Vila do Artesão é gerenciada pela AMDE - Agência Municipal de Desenvolvimento, que tem como objetivo ajudar os pequenos comerciantes de Campina Grande. O seu papel era ligar os Artesãos a Cooperativas e Órgãos que pudessem fazer algum tipo de sociedade e trabalhar em parceria também com grandes empresas têxteis da cidade, no entanto, a realidade é bem diferente, a AMDE está voltada apenas aos grandes comércios empresariais da

cidade e apenas cuida do espaço da Vila do Artesão, já que foi a Prefeitura Municipal que a construiu.

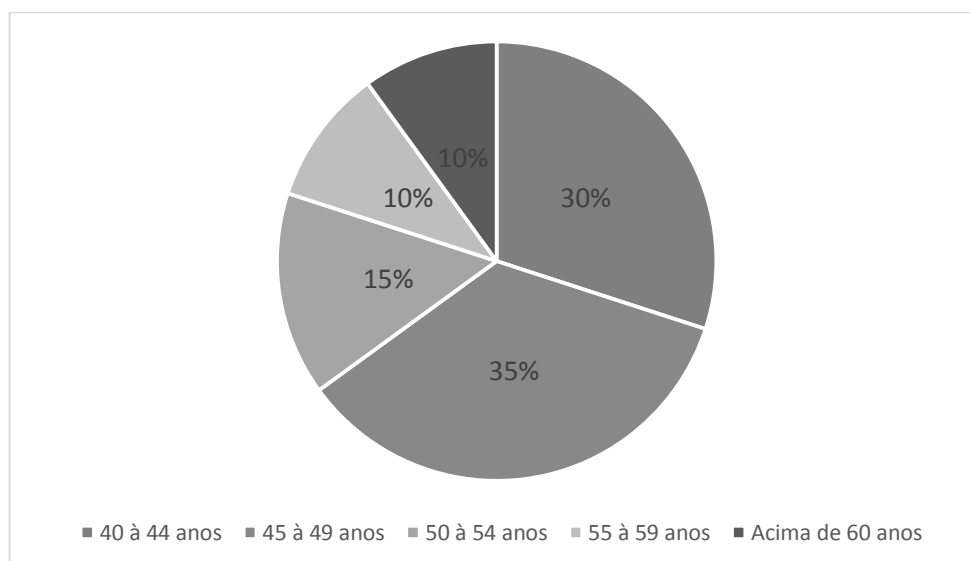
Apenas no mês de junho, onde se tem a maior circulação de pessoas na Vila do Artesão é que a AMDE está presente junto aos Artesãos na questão de pequenos Cursos de Capacitação e divulgação do espaço, que ocorre por causa dos festejos juninos, que é a maior festa cultural da cidade e onde circula o maior número de turistas.

Ao responderem ao questionário aplicado, os Artesãos que apenas realizam as atividades com o Algodão colorido – BRS, afirmaram que 90% deles, não são credenciados a nenhuma Cooperativa da cidade, e que apenas 10%, têm alguma ligação. Isso significa que a maioria dos Artesãos trabalham por conta própria e tem apenas o espaço cedido para o seu comércio, e isso faz com que seu trabalho seja pouco reconhecido pela própria população local.

Em virtude das dificuldades expostas foi analisado que não é possível haver uma parceria entre o Artesão e as grandes empresas têxteis da cidade, pelo fato dessas necessitarem de produção em larga escala, tornando-se impossível para os profissionais do artesanato, pois são trabalhos manuais, inviável a produção em escala maior, levando os mesmos a vender seus produtos por conta própria.

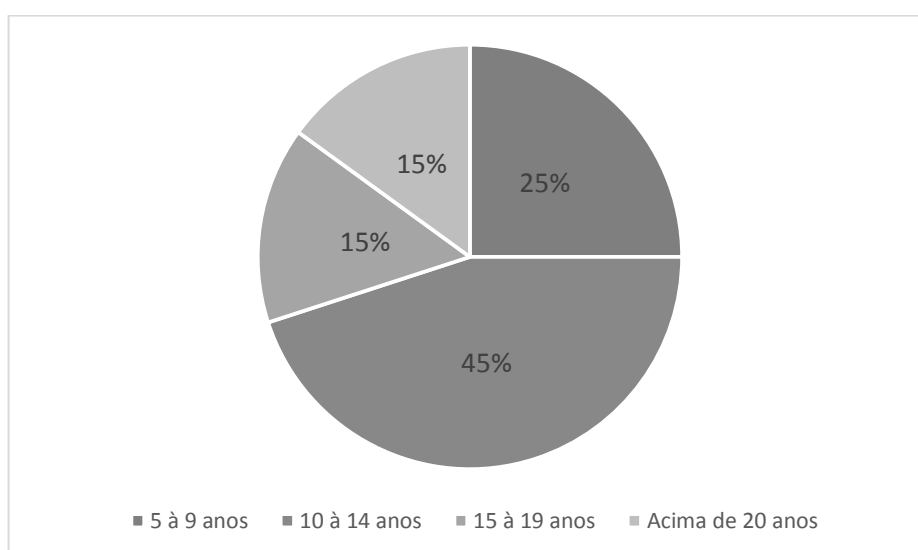
A estratégia utilizada por estes Artesãos é a venda de artigos que não são comercializados pelas grandes empresas, o que torna seu comércio único, e isso é positivo por trazer uma identidade cultural, o que significa que seus produtos sejam fabricados apenas em um só lugar. Muitos dos Artesãos que trabalham com Algodão colorido – BRS, são mulheres entre 40 e 65 anos, o gráfico 1 mostra que cerca de 30% tem idade entre 40 e 44 anos: 35% de 45 a 49, idade da maioria: 15% de 50 a 54; 10 % com 55 a 59 anos e 10 % com idade acima de 60 anos.



**Gráfico 1: Idade das Artesãs pesquisadas**

Fonte: Ramos T. O (2017)

Muitas das profissionais entrevistadas aprenderam sozinhas a trabalhar com artesanato e outras fizeram algum tipo de Curso com o objetivo de ter seu próprio negócio. Muitas trabalham com esse tipo de arte há alguns anos conforme o gráfico 2: cerca de 5% já trabalham com o artesanato de 5 a 9 anos; 45%, ou seja, a maioria, já estão na profissão entre 10 e 14 anos; 15% de 15 a 19 anos e 15 % já trabalham com o artesanato há mais de 20 anos.

**Gráfico 2: Tempo de profissão no artesanato**

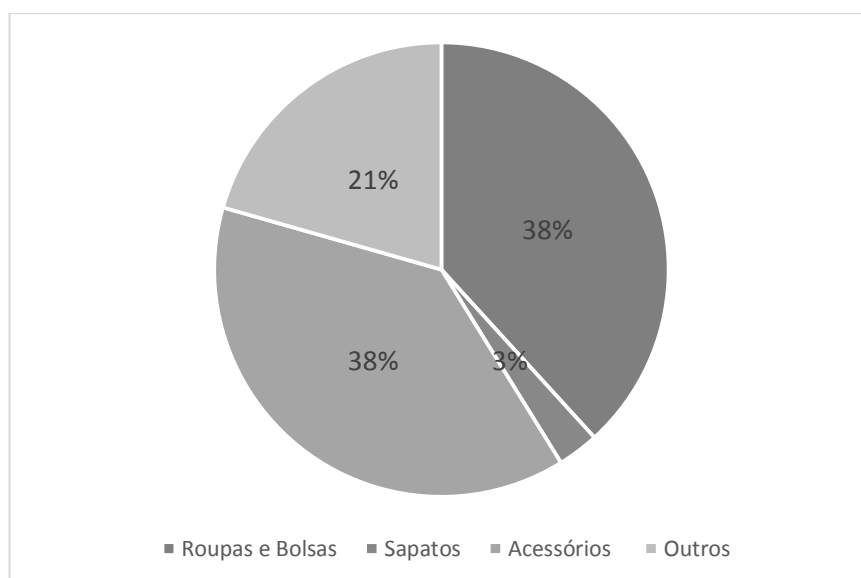
Fonte: Ramos T. O (2017)

As Artesãs trabalham com o objetivo de vender produtos únicos, pois é isto que faz a diferença dos mesmos, esse diferencial é o que vai atingir um público alvo para vendas, que é voltado, principalmente, as mulheres e turistas. Os artigos produzidos a partir do Algodão colorido – BRS é bem diversificado, uma Artesã pode trabalhar com vários produtos diferentes (Gráfico 3): 38% trabalha com roupas e bolsas; apenas 3% com sandálias; 38 % com acessórios, principalmente femininos, como colares, brincos, tiaras, etc., e 21 % trabalha com outros tipos de artigos que pode ser bonecos, almofadas, chaveiros, redes de dormir, entre outros.

Foi respondido pelas Artesãs no questionário, que no mês de Junho o trabalho é triplicado em virtude dos festejos juninos, desse modo o lucro também aumenta, uma oportunidade para esses profissionais obterem o seu 13º salário.

O modo de divulgação dos trabalhos das Artesãs são feitos durante o ano inteiro através de Sites, Redes Sociais e pela Internet, onde qualquer pessoa pode comprar. Durante os festejos juninos, onde o fluxo de turistas na cidade é maior, a divulgação é feita pelas mídias como as TVs e Rádios.

**Gráfico 3:** Tipos de produtos confeccionados com o Algodão Colorido - BRS



**Fonte:** Ramos, T. O. (2017)

São peças simples que se encontra em qualquer lugar, entretanto, os artigos confeccionados com o Algodão colorido – BRS, são exclusivos dos Artesãos (Figura 14). O lucro pode chegar a 100% ano, principalmente, no mês de Junho, pela grande circulação de pessoas na cidade em virtude da festa do maior São João do Mundo realizada em Campina Grande.

**Figura 14:** Artigos produzidos pelos Artesãos a partir do Algodão Colorido - BRS





**Fonte:** Ramos, T. O (2017)

Embora o artesanato não seja competitivo em termos econômicos com as grandes empresas têxteis, trata-se de um modo de produção que contém algumas características bem valorizadas por um setor de consumidores. O objeto artesanal é fabricado com dedicação, normalmente a sua qualidade é superior a de um produto fabricado pela indústria. O produto criado apresenta personalidade de quem o fez, porque não é confeccionado em série, portanto todas as suas particularidades são considerados sinônimos de algo bem feito além de ser peças únicas.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na pesquisa ficou constatado o quanto o Algodão branco (*Gossypium hirsutum L.*) foi importante para o desenvolvimento e a economia no Estado da Paraíba e, principalmente, para a cidade de Campina Grande no século XX. Fez com que a cidade se tornasse uma das mais importantes do Estado. Hoje, este lugar não só se destaca pelo seu comércio, mas, já se tornou um polo industrial, tecnológico e universitário, além de outros serviços que atende a população regional e de Estados vizinhos, portanto, o apogeu do “ouro branco”, foi essencial para o crescimento desta que é a segunda maior cidade do Estado da Paraíba.

O Algodão colorido – BRS, já trouxe outra visão a Campina Grande, no século XXI, a de sustentabilidade, valorização do artesanato, cultura local e ainda traz benefícios econômicos, portanto, com essa perspectiva a cidade construiu a Vila do Artesão, na qual teve a finalidade de reunir os vários tipos de culturas do artesanato em um único espaço, com objetivos positivos, pois os cidadãos campinenses e os turistas passaram a conhecer mais da cultura popular local e nordestina.

Apesar disso, de acordo com o questionário aplicado as Artesãs e entrevistas informais, existem algumas dificuldades enfrentadas por estas, pois, durante o ano o movimento comercial é considerado baixo. As profissionais afirmaram que poucas pessoas da cidade se dirigem ao local, a visitação é mais frequente no mês de Junho, quando ocorre a realização dos festejos juninos, pois os turistas são quem mais visitam a Vila do Artesão, quando a divulgação é mais frequente nesse mês. Mesmo com muitas dificuldades, todas as Artesãs entrevistadas relataram que fazem um bom lucro durante todo o ano.

Observou-se durante as etapas de realização desse trabalho, o espaço que o Algodão colorido – BRS, vem conquistando nas áreas de pesquisa, sustentabilidade, artesanato, economia e cultura, o que traz benefícios para toda a população campinense e eleva o nome de Campina Grande em rede nacional, podendo trazer novos possíveis investimentos de empresas com foco nas áreas ambientais, por se tratar de um produto agroecológico, e/ou na confecção dessa arte.

## 7 REFERÊNCIAS

ANDRADE, Manoel C.de. **A terra e o homem no Nordeste**: contribuição do estudo e da questão agrária no Nordeste. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ARAÚJO, Jair B. **O algodão de Campina Grande**: uma discussão acerca dos livros didáticos da história. Campina Grande: Agenda, 2006.

BELTRÃO, Napoleão E. de M.; CARVALHO, Luiz P. de. **Algodão colorido no Brasil, e em particular Nordeste e no estado da Paraíba**. Campina Grande. Embrapa algodão, doc. 128, 2004. Disponível em: <https://www.embrapa.br/> < acessado em 20 de abril de 2017 >

CALIXTO, Fabiana H. et al. **Tecnologia do algodão colorido como alternativa para o desenvolvimento sustentável no setor agrícola**. Disponível em: <http://www.cnpma.embrapa.br/> < acessado em 22 de abril de 2017 >

CAVALCANTI, Valesca M. **Conhecimento como produto social: o desenvolvimento do algodão naturalmente colorido na Paraíba**. **Revista raízes**, v.32, n.2, jul-dez 2012. Disponível em: <http://www.ufcg.edu.br/> < acessado em 22 de abril de 2017 >

CERVO, Amado L; BERVIAN, Pedro A. **Metodologia Científica**. São Paulo: Makron Books, 1996.

COSTA, Ailson R. O. da. **Os agentes participantes da cadeia produtiva do algodão naturalmente colorido no estado da Paraíba**. Disponível em: <http://tede.bc.uepb.edu.br/> < acessado em 22 de abril de 2017 >

COSTA, Rodrigo R. S. da. **Análise de contribuição do espaço da vila do artesão para os índices de desenvolvimento sustentável no município de Campina Grande – pb**. Disponível em: <http://dspace.bc.uepb.edu.br> < acessado em 22 de abril de 2017 >

COSTA, Sérgio R.; BUENO, Miguel G. **A saga do algodão**: das primeiras lavouras à ação na OMC. Rio de Janeiro. Insight engenharia. 2004.

ELIAS, Denise; ENCARNAÇÃO, Maria; SPOSITO, Beltrão; SOARES, Beatriz R. (orgs). **Agentes econômicos e reestruturação urbana e regional:** Campina Grande e Londrina. 1 ed. São Paulo. Outras expressões. 2013.

EMBRAPA – Parque Estação Biológica – Pq EB s/nº - Brasília, DF – Brasil. 2003

FARIAS, Paulo S. C. de. **Campina Grande:** algodão e linha férrea. Artigo do jornal da Paraíba. Campina Grande. 2014. Fascículo 4. Disponível em: <http://m.jornaldaparaiba.com.br/arquivos/> < acessado em 25 de abril de 2016 >

FUZATTO, Milton G.et al. **Algodão.** Centro de grãos e fibras instituto agrônômico – IAC. <http://www.iac.sp.gov.br> < acessado em 22 de abril de 2017 >

GERHARDT, Tatiana E.; SILVEIRA, Denise T. (orgs). **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre. Editora da UFRGS. 2009.

GIL, Antonio C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** São Paulo: Atlas, 1994/1995/2007.

**HISTÓRIA DO ALGODÃO.** <http://www.amapa-ma.com.br/> < acessado em 25 de abril de 2017 >

IBGE - Portal Geociências. Disponível em: [http:// www.ibge.gov.br/](http://www.ibge.gov.br/) < acessado em 20 de abril de 2017 >

LAKARTOS, E. M; MARCONI, M de A. **Metodologia do Trabalho Científico.** São Paulo: Atlas, 2009.

**MESOREGIÃO DO SERTÃO PARAIBANO.** <http://www.diariodosertao.com.br/> < acessado em 25 de abril de 2017 >

OLIVEIRA, Júlio César M. de. **Campina Grande:** a cidade se consolida no século XX. João Pessoa – PB. UFPB. 2007. (Monografia) disponível em: <http://www.geociencias.ufpb.br> < acessado em 20 de abril de 2017. >

PICCIOTTO, Gabriela; SHEWCHENKO, Marília C. **Projeto de fortalecimento da cadeia produtiva do algodão colorido.** Campina Grande. Fundação

Getúlio Vargas. Disponível em: <http://www.gvpesquisa.fgv.br> < acessado em 20 de abril de 2017 >

PRODANOV, C.C; FREITAS, E.C. de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. 2 ed. Novo Hamburgo. Freevale. 2013.

QUEIROGA, Vicente de P.; CARVALHO, Luiz P. de; CARDOZO, Gleibson D. **Cultivo do algodão colorido orgânica na região semiárida do nordeste brasileiro**. Campina Grande. Embrapa algodão, doc. 204, 2008. Disponível em: <http://www.embrapa.br/> <acessado em 22 de abril de 2017 >

RAMOS, T. O. **Artesanato com o Algodão colorido – BRS, na Vila do Artesão em Campina Grande – Pb: um diagnóstico das relações comerciais**. Campina Grande. UEPB. 2018 (Monografia).

SANTOS, Ana Maria F. dos. et al. **Marketing verde: o caso do algodão colorido na Paraíba trabalhada pela coopnatural de maneira ecológica**. Disponível em: <http://www.aedb.br/> < acessado em 22 de abril de 2017 >

SANTOS, Edna. **Algodão colorido mercado internacional de moda**. Notícias, 2015. Disponível em: <https://www.embrapa.br/> < acessado em 25 de abril de 2017 >

SILVA, Rafaela F. e. **O algodão colorido e a dinâmica econômica de Campina Grande – pb**. Disponível em: <http://www.geociencias.ufpb.br> < acessado em 26 de abril de 2017 >

VILA DO ARTESÃO – **Localização**. Disponível em: <http://viladoartesaocg.com.br/> < acessado em 20 de abril de 2017 >



## APÊNDICE

### MODELO DE QUESTIONÁRIO APLICADO AOS ARTESÃOS DA VILA DO ARTESÃO – CAMPINA GRANDE/PB

**Variável:** Socioeconômico

**Fonte:** Ramos (2017)

1. Há quantos anos você é artesão?
2. Você já fez algum curso de artesanato?
3. Você é credenciado a alguma cooperativa da cidade?
4. Quais produtos você (artesão) faz com o Algodão colorido - BRS?
5. Qual a margem de lucro que os produtos do algodão colorido apresentam durante o mês/ ano?
6. Qual época que os produtos do Algodão colorido - BRS são mais vendidos?
7. O Algodão colorido - BRS utilizado é sustentavelmente correto?
8. Qual é o público alvo que compra o Algodão colorido - BRS?
9. É oferecido algum curso de capacitação aos artesãos, na Vila do Artesão?
10. A direção da Vila tem alguma parceria com algum órgão que dê algum tipo de subsidio os artesãos do algodão colorido? Quais são?

11. Como é feita a divulgação do trabalho dos artesãos, quando não há temporada de festa?